



PATRÍCIA BARROS SOARES BATISTA

LUCIANA PRAZERES SILVA

MARIA CAROLINA DA SILVA CALDEIRA (ORGS.)

# EDUCAÇÃO INCLUSIVA: MEMÓRIAS E PERCURSOS



**CENTRO PEDAGÓGICO - UFMG**



**A EDUCAÇÃO BÁSICA SOB O VIÉS  
INCLUSIVO: CAMINHOS E DESAFIOS DA  
DIVERSIDADE**

## A Educação Básica sob o viés inclusivo: caminhos e desafios da diversidade

Letícia Gomes Pereira<sup>59</sup>  
Patrícia Barros Soares Batista<sup>60</sup>

O correr da vida embrulha tudo.  
A vida é assim: esquenta e esfria,  
aperta e daí afrouxa,  
sossega e depois desinquieta.  
O que ela quer da gente é coragem.

(Guimarães Rosa)

A palavra coragem vem do latim *coraticum*, do francês *cor-age* e significa agir com o coração. Ter coragem é, então, buscar agir de acordo com o que verdadeiramente se sente. A coragem é um sentimento que impulsiona todos/as aqueles/as que acreditam na Educação. Os caminhos de quem escolhe a docência são repletos de desafios e agir com coragem se torna quase que uma exigência. É preciso saber usar a razão de maneira coerente com os princípios. No atual contexto pandêmico em que vivemos, a coragem se faz necessária para que os novos desafios que agora se impõem sejam superados.

As experiências discentes da primeira autora se entrelaçam aos anseios e expectativas sobre o fazer docente e é por meio de um olhar atento, crítico e empático que o leitor encontrará, no presente texto, reflexões tecidas a partir da experiência docente inicial junto a crianças de uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental do Centro Pedagógico.

Patrícia Barros Soares Batista

---

<sup>59</sup> Aluna do curso de Letras/UFMG, 3º período, Universidade Federal de Minas Gerais. Monitora do Programa de Imersão Docente/Projeto Acompanhamento de turma/Turma no Centro Pedagógico: 2B.

<sup>60</sup> Professora do Centro Pedagógico da UFMG – Núcleo Básico. Mestre em Educação. Orientadora e Coordenadora do Programa Imersão Docente no 1º Ciclo de Formação Humana - PID/CP/UFMG.

## **Percurso inicial: desafios da trajetória escolar**

Começar a atuar no Centro Pedagógico, no início do ano de 2020 representou para mim um grande passo, tendo em vista meu desejo de me tornar professora da Educação Básica. Sempre acreditei que a educação é a melhor forma de revolucionar a sociedade, principalmente por meio da educação básica e pública. É a partir da educação que podemos reduzir a desigualdade social, eliminar a desigualdade de gênero, diminuir o índice de violência e criar um planeta sustentável implantando uma sociedade mais justa para todos. Com esses ideais, decidi ingressar na licenciatura da UFMG, no curso de Letras/Inglês, onde atualmente curso o terceiro período. Apesar de estar inserida em uma licenciatura, acabamos tendo uma visão mais teórica do que uma experiência prática na faculdade e isso acaba gerando, de um lado, certa frustração em relação aos cursos e, de outro, uma grande expectativa em relação ao fazer docente.

Nesse momento de quarentena em função da pandemia do Coronavírus, me encontro pensando muito nas crianças com as quais atuava no Centro Pedagógico, me preocupo se aquelas que têm dificuldade para se alimentar o estão fazendo em casa. Penso em como os colegas que tinham uma forte relação fraterna estão lidando com a distância um do outro, se lembram das coisas que aprenderam e se estão ansiosos para as aulas voltarem... Penso no último dia que os vi e então bate um aperto no peito em função da saudade do almoço, das atividades explorando os diferentes espaços da escola... Até dos desentendimentos entre elas sinto saudade!

É um grande desafio analisar reflexivamente as experiências anteriores e aproximar-me da prática com um olhar mais profundo e crítico, afinal essa é uma barreira que sempre presenciei no curso de licenciatura. Esse exercício analítico tem me auxiliado, não somente em me manter sã, mas também em pensar em quem sou e quem eu quero ser. Pensar nesses aspectos tem sido essencial neste atual momento. Esse exercício, de certa forma, mantém a memória das crianças ativas, vivas dentro de mim, já que sempre estou pensando nelas; penso, na verdade, que as crianças fazem parte de mim. Entraram em minha vida em um momento de extremo medo e dúvida, trazendo certezas (ainda que acompanhadas por medos) e esperanças. Cada uma delas me cativou à sua maneira.

Para entender um pouco minha relação com a docência, julgo ser pertinente expor um pouco da minha história como um todo: tenho 21 anos, dos quais passei onze estudando em escolas públicas e em cursos dos mais variados tipos: fiz curso para Colégio Militar, pré-técnico, pré-ENEM, Francês e Inglês.

Minha mãe, que é professora, sempre quis que eu tivesse uma educação para além da sala de aula, então, em casa sempre tive um apoio muito grande. O exemplo materno da docência certamente influenciou a enveredar-me pelo mesmo caminho. Por ter frequentado tantos espaços educacionais, tive contato com diversos tipos de ensino: na escola vivenciava o ensino público, com todos os seus desafios em função da falta de maiores investimentos para a qualificação da educação pública. Recordo de estudar em uma escola com quatorze turmas, e cada uma dessas turmas ter cinquenta estudantes. Não havia condições mínimas que contribuíssem para uma maior qualificação do trabalho dos docentes que lá atuavam.

Na escola me sentia sempre retraída, não sentia liberdade de aprendizagem e não conseguia me sentir igual aos demais alunos e me lembro de que, apesar da falta de pertencimento, eu tinha a necessidade de tentar ser igual aos demais alunos, apesar de hoje compreender que cada aluno possui o próprio processo. Não existia a opção de questionar, não existia outro método de ensino e não existia a concepção de pluralidade. Recordo de quando contava a certos amigos sobre estudar em uma escola com mais de trezentos estudantes, ouvir que eu deveria “ver de tudo”. E, sim, existia de fato uma diversidade. O que não existia era uma aceitação a essa diversidade, nem acolhimento. Dessa forma, nunca me senti acolhida na maioria desses espaços, com exceção ao curso de Inglês, que foi um local que sempre me senti confortável para “ser eu mesma” porque lá, a meu ver, havia espaço para isso. Hoje percebo que esse sentimento de acolhimento contribuiu majoritariamente para a minha fluência na língua inglesa.

Nas atividades extracurriculares, desvinculadas da escola formal, tais como balé e judô, eu sempre me adaptava perfeitamente, contudo, nos espaços escolares sempre tive bastante dificuldade de me enturmar e acabei sofrendo *bullying* durante alguns anos do Ensino Fundamental. Eu era uma menina pequena, criada somente pela mãe que, apesar de ser muito inteligente, não sentia que a escola acrescentava alguma coisa na minha vida. Eu me destacava e era mais sozinha que os demais estudantes. Também sofri bastante racismo em toda minha trajetória escolar, afetando diretamente o modo como

me projetei socialmente. Percebo, hoje, que o racismo em minha trajetória escolar teve grande papel para a minha falta de pertencimento nesses espaços. “Identidade é algo em processo, permanentemente inacabado, e que se manifesta através da consciência da diferença e contraste com o outro, pressupondo, assim, a alteridade.” (FERNANDES; SOUZA, 2016, p.106).

Quando ingressei no Ensino Médio, muitas coisas mudaram. Eu estava no Instituto Federal de Minas Gerais, então meu ensino médio foi integrado com o ensino técnico, do qual tenho diploma na área de edificações. O Ensino Médio tem, para mim, esse caráter de delimitar muitas coisas relacionadas a nós mesmos. Eu continuava sem me sentir no “lugar certo” e, aos 16 anos, eu cursava 17 matérias e estudava de 7h às 18h. Nesse mesmo período, havia sido diagnosticada com Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG) e, desde então, convivo com este transtorno e com alguns tipos de ansiedade a mais. Hoje percebo que conviver com tais transtornos e com os desafios que emergem no cotidiano, em função deles, me ajuda a ter um olhar mais empático em relação às crianças, especialmente ao Público-Alvo da Educação Especial (PAEE), pois, de algum modo, me enxergo nelas.

### **Trilhas acadêmicas levaram-me à reflexão sobre a Educação na qual eu acredito**

Quando eu estava escrevendo meu TCC, no IFMG, em 2016, cujo tema era relacionado a cotas raciais, estudei bastante Pierre Bourdieu e as críticas à educação como um privilégio social e como uma instituição meritocrática, quando, na verdade, sua essência deveria trazer a igualdade de oportunidades para a juventude. Segundo Nogueira (2016), Bourdieu discorre sobre a necessidade de adaptação dos professores aos alunos. Isto é, para desenvolver as habilidades é necessário o manejo das facilidades que os estudantes apresentam ao longo da trajetória escolar. Lembro de refletir sobre como gostaria que os espaços educacionais que frequentei tivessem esse pensamento mais inclusivo, que poderia ter me ajudado a ter menos vontade de “fugir da escola logo” e me sentido mais confortável naquele ambiente. Eu me lembro de me sentir confortável no meu curso de Inglês e de pensar “nossa, seria tão bom se eu me sentisse assim na escola também” e lembro até hoje de cada professor que me proporcionou esse

sentimento. Acima disso, me lembro de cada professor que me fez pensar em como gostaria de proporcionar isso para meus alunos e alunas.

Nogueira (2016) assinala que certos padrões culturais são considerados superiores e outros inferiores: diferenciam-se entre níveis culturais, entre religiosidade e superstição. Os indivíduos e as instituições, que buscam manter sua posição privilegiada, apresentam seus bens culturais como superiores aos demais. Bourdieu definia isso como “violência simbólica”: imposição de um grupo como a única forma cultural verdadeira. No conjunto da sociedade, tenderia prevalecer, portanto, a imposição dessas culturas. Os primeiros seriam socializados na cultura dominante e aprenderiam a torná-la como válida. Os demais, apesar de não terem sido socializados na mesma, a adotariam como dominante e a reconheceriam. A partir disso, podemos perceber que os produtos da sociedade tomariam uma forma socialmente hierarquizada. Os indivíduos que se envolvem com os bens culturais superiores são separados dos que rodeiam riquezas inferiores. Para se referir a esse poder, Bourdieu usa o termo capital cultural<sup>61</sup>.

Acredito que se quisermos falar sobre uma educação libertadora, tal como nos aponta Paulo Freire, esta deve ser inclusiva e, para que isso aconteça, deve-se falar sobre uma educação que vença as barreiras da violência simbólica de Bourdieu e que vença também as barreiras étnico-raciais. É necessário que as crianças negras se sintam pertencidas e não estigmatizadas. A educação deve acolher e respeitar, de fato, todas as diferenças, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa, antirracista e que valorize as diferenças e a escola tem um papel fundamental nesse sentido.

### **Em direção ao caminho certo: buscando encontrar-me na Educação**

Ingressei no CP no mês de fevereiro de 2020 com um frio na barriga e com a maior coragem que já precisei na vida, pois o Centro Pedagógico serviria como um divisor de águas. Meu maior medo era “e se eu não gostar de dar aulas?” e “e se eu estiver escolhendo o caminho errado?”. Esta é a minha primeira experiência dentro da sala de aula e, como eu sempre tive a necessidade da busca pela educação libertadora

---

<sup>61</sup> Bourdieu creditava que o capital cultural constitui o elemento da herança familiar que teria maior impacto na definição do destino escolar. Isto é, favorece o desempenho escolar na forma em que facilita a aprendizagem dos conteúdos vinculados à escola. A posse de capital cultural favoreceria a caminhada escolar porque propiciaria melhores desempenhos nos processos formais e informais da avaliação.

de Paulo Freire, cobro muito de mim mesma para que minhas experiências escolares não se repitam com os estudantes. Me encantei pelo modelo educacional do Centro Pedagógico, que, a meu ver, permite que o estudante seja livre para ser quem ele é e que permite que o professor experimente diversas abordagens de aprendizado.

Desde que cheguei à escola, as crianças sempre foram muito receptivas e educadas, ainda que houvesse desafios em relação à obediência em determinados momentos. Acredito, na verdade, que todos na escola sempre foram muito receptivos, dentre os quais gostaria de citar minha orientadora que sempre foi muito empática e ativa na nossa construção da docência. No começo, existia muito medo das crianças não gostarem de mim, mas depois fui me sentindo mais tranquila em relação a isso. Minha relação com eles foi construída de uma forma positiva e, às vezes, sinto que os conheço há anos. No final do primeiro mês, já parecia o primeiro ano, eles já tinham apelidos para mim e até as brincadeiras demonstravam que era como se fôssemos velhos conhecidos. Tenho uma memória muito clara do dia que meu medo, a respeito das minhas escolhas, sumiu quase por completo quando um aluno neuroatípico<sup>62</sup>, que havia vivenciado um dia extremamente difícil entrou na sala na aula de Língua Portuguesa e cantou uma música sozinho e tranquilo. Quis chorar e abraçá-lo, parabenizá-lo e ali vi umas das minhas maiores lições, que vai para além de espaços escolares: a educação sempre valerá a pena, pois transforma e potencializa o ser humano em suas diferentes dimensões.

Nesse breve e intenso período, atuando como monitora do Programa de Imersão Docente, no qual dedico-me 25 horas por semana às atividades escolares do Centro Pedagógico, aprendi muitas coisas, principalmente que cada dia é um dia diferente do anterior e, mesmo parecendo bastante genérica, essa concepção me guiou/guia bastante no dia-a-dia com as crianças. Ao auxiliá-las, eu me ressignifico não só enquanto monitora em formação inicial docente, mas enquanto pessoa também e entendo que, muitas vezes, as crianças só querem ser ouvidas.

Ao me procurarem em momentos de aflição ou de necessidade, as crianças demonstram que eu consegui estabelecer com elas uma relação de confiança, o que, muitas vezes, me deixa apreensiva porque estabelecido este laço, significa que tenho um compromisso com cada um/a dos alunos e alunas com os/as quais convivo. É óbvio que

---

<sup>62</sup> A criança foi diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

não significa, porém, que sempre vou conseguir ajudar; compreendo que certas coisas estão além do meu alcance. Nunca me esqueci um dia que uma aluna me contou sobre uma situação familiar e me disse “é segredo ok? Só você pode saber”. Não era uma situação de preocupação escolar e que não precisou ser levada ao Setor Multiprofissional<sup>63</sup>. A aluna apenas precisava conversar e desabafar sobre questões familiares, que, em minha avaliação, a criança ainda não conseguia compreender. Sugeri que ela fizesse um desenho para a tia, dizendo que a amava e ela achou uma boa ideia, me agradeceu e seguimos o dia normalmente. A meu ver, esse episódio ilustra o quanto a relação afetiva e empática no processo educativo é importante, essencial para humanizarmos as relações na escola.

### **A expectativa em relação à docência: trilhando caminhos para uma Educação Inclusiva**

Eu acredito que o olhar afetivo e empático deve conduzir a relação aluno-professor. Além disso, buscar entender as especificidades de cada sujeito, baseado na compreensão de suas características é fundamental. Vejo que são muitas as questões presentes no cotidiano escolar e algumas são difíceis de compreender em um primeiro momento. Na turma em que atuo, tem uma criança que possui um pouco de perfeccionismo nas atividades e eu me vejo muito em situações parecidas, principalmente quando, às vezes, as coisas não acontecem na prática como imagino na minha cabeça. Algumas crises de ansiedade dele se assemelham às minhas.

É no sentido do meu encontro com o dos alunos que reflito sobre a concepção de uma educação inclusiva que realmente abarque a diversidade. Garantir uma escola plural, que garanta não somente o acesso, mas a permanência de todos os estudantes de forma heterogênea é reafirmar a democratização do acesso ao ensino. Acesso este que é garantido na Constituição Federal de 1988 quando assegura “promover o bem de

---

<sup>63</sup> O Setor Multiprofissional é composto por dois tipos de serviços, e conta com psicóloga, assistente social, e pedagogos. Tem como premissa atender às demandas dos alunos quanto às questões escolares e suas implicações de cunho social, afetivo-emocional, psicológico e familiar, através de várias formas de intervenção preventivas e na mediação de comportamentos inerentes ao ambiente escolar. Além disso, está em constante interlocução com os diversos segmentos da comunidade escolar. Fonte: <http://www.cp.ufmg.br/index.php/administracao/setor-multiprofissional>

todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (art.3º, inciso IV). No artigo 205, é afirmada a educação como um direito de todos, garantindo o pleno desenvolvimento da pessoa, o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho. No seu artigo 206, inciso I, a Lei estabelece a “igualdade de condições de acesso e permanência na escola” como um dos princípios para o ensino e garante, como dever do Estado, a oferta do atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino (art. 208). Alunos com deficiência não são os únicos que não se encaixam nas concepções atuais de ensino, que muitas vezes tenta uniformizar os estudantes. Também não são os únicos a serem deixados para trás. Desta forma, enxergo nas práticas realizadas no Centro Pedagógico uma mudança que deveria acontecer em todo sistema de ensino, para garantir o acesso a uma educação democrática, que não deixe nenhum aluno para trás. A concepção democrática de escola respeita o aluno como ser único que constrói seu aprendizado, mantendo a heterogeneidade dos estudantes e respeitando seus limites e barreiras.

Por muito tempo perdurou o entendimento de que a educação especial, organizada de forma paralela à educação comum, seria a forma mais apropriada para o atendimento de alunos que apresentavam deficiência ou que não se adequassem à estrutura rígida dos sistemas de ensino. Essa concepção exerceu impacto duradouro na história da educação especial, resultando em práticas que enfatizavam os aspectos relacionados à deficiência, em contraposição à sua dimensão pedagógica. (DUTRA *et al.*, 2008, p. 14)

Para além disso, acredito que as barreiras impostas pela sociedade como preconceitos e discriminações sejam vencidas por meio da educação inclusiva. Assim, é possível que os sujeitos sejam vistos como plurais e singulares, sem estigmas e serem valorizados. “O preconceito e a discriminação são produtos indiscutíveis da formação e, portanto, é inegável o papel preponderante da escola, que é um dos principais veículos formativos na sociedade brasileira, tendo por vezes um papel mais atuante do que o da própria família.” (SILVA; SOUZA, p. 185).

A escola tem um papel importante a cumprir nesse debate. Os (as) professores(as) não devem silenciar diante dos preconceitos e discriminações raciais. Antes, devem cumprir o seu papel de educadores(as), construindo práticas pedagógicas e estratégias de promoção da igualdade racial no cotidiano da sala de aula. Para tal é

importante saber mais sobre a história e a cultura africana e afro-brasileira, superar opiniões preconceituosas sobre os negros, denunciar o racismo e a discriminação racial e implementar ações afirmativas voltadas para o povo negro. (GOMES, 2017, p. 60).

Acredito que se reconhecer no olhar do aluno é um dos processos empáticos necessários para superar os desafios da educação inclusiva. Enxergar as crianças como pessoas, com particularidades que as tornem únicas além de “alunos”, permite que possamos nos ver por trás daqueles olhos que nos observam com cuidado e atenção. Recordo de certo dia, em uma conversa, dizer para uma criança que eu vivenciava diversos aprendizados com ela. Ela me olhou assustada, como se eu tivesse acabado de dizer a maior loucura que ela já tinha ouvido em todos seus sete anos de vida e disse rapidamente “Você? Aprender comigo? Mas você é nossa monitora, como que a gente que vai te ensinar? Isso existe?”. Quando a expliquei que a educação era uma “via de mão dupla” na qual eu aprendia também ela riu e disse “então, quer dizer que a gente também ajuda os professores a aprender? Que legal”.

Sempre tive muita dificuldade lidando com os sintomas do transtorno de ansiedade enquanto estudante. Eu lembro de ter professores incríveis no Ensino Médio que acreditavam na educação como libertação, ou como Mandela mesmo disse “A Educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo”. Nunca esqueci a dualidade de “correr” do ensino médio/técnico, mas amar ter contato com todos aqueles ideais. Por isso acredito que a educação é muito ligada às relações: eu muitas vezes me vejo nesse aluno. Também, como aluna, nunca esqueci de professores que me viram neles. No meu processo escolar ter pessoas que eram representadas pelos meus professores que acreditavam em mim, foi um grande marco. Não sei se teria conseguido chegar aqui sem isso.

Certa vez assisti a um TED da professora Rita Pierson<sup>64</sup> que descrevia “o que era ser professora”. Ela, em determinado momento, diz que a docência é “criar laços” e eu sinto exatamente isso em relação ao Centro Pedagógico. Não criei laços somente com os alunos, mas também com os professores e funcionários. Estudei no Instituto Federal

---

<sup>64</sup> Disponível em:

[https://www.ted.com/talks/rita\\_pierson\\_every\\_kid\\_needs\\_a\\_champion?language=pt](https://www.ted.com/talks/rita_pierson_every_kid_needs_a_champion?language=pt)

Acesso em: 20/09/2021.

e o CP me recorda bastante de lá e em como esse sentimento de criar laços está ligado ao fato de me sentir confortável em um local em que passo 25 horas por semana.

Quando analiso a minha atuação com as crianças, acredito que tenho dificuldade de me fazer respeitada. Sinto que muitas vezes os alunos não me escutam e em determinados momentos que ocorrem esse “teste” acabo tendo que chamar a professora referência da turma. As trocas de experiências e conhecimentos por meio das orientações são constantes e hoje em dia me sinto mais calma em relação a isso. Não sinto que é um problema grande.

No começo, me sentia muito insegura em relação às crianças com necessidades educacionais especiais, porque não sentia que saberia como contribuir para o processo educativo delas e tinha medo de prejudicá-las de qualquer forma no ambiente escolar. Depois que comecei a atuar na escola, percebi que são crianças que requerem que nos dediquemos de forma diferencial das demais, mas no final foram, para mim, as crianças com as quais eu mais me identifiquei e aprendi. Eu me identifiquei em muitos momentos porque, quando tinha a idade deles, tinha muita dificuldade na adaptação escolar. Tenho até hoje um pouco na faculdade e no sentimento de “me sentir pertencente”. Por isso considero muito o trabalho que os professores, coordenadores e demais funcionários do CP têm feito porque eu, de fato, me sinto pertencente a essa comunidade.

Às vezes, tenho dúvidas se estou no curso certo. Todas as vezes que tenho dúvidas sobre meu percurso formativo, projeto-me para meu trajeto com a educação, vejo o que me tornei e projeto meu pensamento para as crianças do 2o ano. Vejo que estou onde devo e quero estar. Acima de tudo, quando penso em esperança, penso em educação. Observo na educação, na verdade, uma junção entre esperança e resposta. Acredito em uma reforma educacional em todos os âmbitos.

Acredito em uma educação que enxerga os estudantes como múltiplos sujeitos e não como objetos. Acredito em cada uma das crianças. Enxergo na concepção de educação, a resposta para tudo. É com a educação que garantimos um mundo mais justo, que a partir da compreensão da heterogeneidade, expande-se para um mundo com mais respeito e compreensão, afinal, é pela prática educacional que reafirmamos a democracia e o senso de coletividade.

## Referências

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Imprensa Oficial, 1988. Brasília, DF: Senado Federal.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. *Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03*. Brasília: MEC/SECAD, 2005. p. 39-62.

GOMES, Nilma Lino. JESUS, Rodrigo Ednilson de. As práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva de Lei 10.639/2003: desafios para a política educacional e indagações para a pesquisa. Dossiê relações étnico-raciais e práticas pedagógicas. *Educar em revista*. no.47, Curitiba, jan./Mar. 2013.

GRIBOSKI, Cláudia Maffini; ALVES, Denise de Oliveira; BARBOSA, Kátia Aparecida Marangon; BAPTISTA, Claudio Roberto; MANTOAN, Maria Teresa Eglér; ALMEIDA, Maria Amélia; FIGUEIREDO, Rita Vieira de; QUADROS, Ronice Müller de; FREITAS, Soraia Napoleão; DUTRA, Claudia Pereira; OSÓRIO, Antônio Carlos do Nascimento; MANZINI, Eduardo José; FLEITH, Denise de Souza. Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva. *Inclusão: Revista de Educação Especial*, Brasília (DF), edição especial, v. 4, n. 1, p. 7-17, jan./jun. 2008.

Ministério da Educação e a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnicoraciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana*. Brasília, DF: SECAD, 2005.

Ministério da Educação. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. *Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais*. Brasília, DF: SECAD, 2006.

MUNANGA, Kabengele. *Políticas curriculares e descolonização dos currículos: a lei 10.639/03 e os desafios para a formação de professores*. Revista Educação e Políticas em Debate – v. 2, n. 1. jan./jul. 2013 (entrevista).

NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Claudio M. Martins. *Bourdieu e a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

PIERSON, Rita. *Cada criança precisa de um campeão*. TED Talks, 2013. Disponível em: [https://www.ted.com/talks/rita\\_piercion\\_every\\_kid\\_needs\\_a\\_champion/transcript?language=pt](https://www.ted.com/talks/rita_piercion_every_kid_needs_a_champion/transcript?language=pt)

SILVA, Giovani José. SOUZA, José Luiz. *Educar para a diversidade étnico-racial e cultural: desafios da educação inclusiva no Brasil*. In: academia.edu abr.2008 (pg 169-192). Disponível em: <http://www.academia.edu/download/34940704/4256-19197-1-PB.pdf>. Acessado em 25 de junho de 2020.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. Educação. Setembro/dezembro, 2007. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/2745>. Acessado em 23/06/2020.